

Da resistência política à libertação amorosa: eixos temáticos da poesia de Fernando Sylvan

Ana Margarida Ramos

Universidade de Aveiro

Resumo: É nosso objetivo proceder a uma leitura da obra poética de Fernando Sylvan à luz de dois eixos ideotemáticos centrais, por um lado a ligação à resistência e à intervenção social e política mais ou menos explícita, e, por outro, a lírica de cariz amoroso, marcada pela centralidade da figura feminina. Situando-se no contexto de uma produção literária emergente, como é a timorense, Fernando Sylvan ocupa um lugar de destaque naquele universo poético, distinguindo-se como um dos escritores mais originais e mais sólidos das últimas décadas. Autor de uma vasta obra, constitui uma referência obrigatória para as novas gerações de poetas pela forma como consegue revisitar um contexto particularmente significativo, também do ponto de vista histórico, e ultrapassar os constrangimentos de uma literatura próxima da referencialidade social e política, possibilitando diferentes leituras.

Palavras-chave: Literatura timorense; literatura emergente; Fernando Sylvan; poesia; resistência; lirismo amoroso.

1. Introdução. Literatura timorense, uma produção emergente

Caracterizada como literatura emergente, em resultado de uma conjugação de vários fatores, alguns claramente externos ao universo literário, como a colonização portuguesa, a breve independência a que se seguiu a ocupação indonésia durante 24 anos, e, finalmente, um processo autonómico com várias vicissitudes e que, agora, se encontra em fase de consolidação, a literatura timorense conta, apesar de tudo, com alguns autores relevantes, em processo de afirmação e reconhecimento, nomeadamente através de estudos académicos. Escritores como Luís Cardoso, no âmbito da ficção narrativa, ou de poetas como

Fernando Sylvan, João Barreto, José Alexandre Gusmão, João Aparício, Jorge Barros Duarte, Jorge Lauten, Francisco Borja da Costa, Afonso Busa Metan, Crisódio T. Araújo, Celso Oliveira ou Abé Barreto Soares, entre outros, exprimem bem a vitalidade de uma literatura em crescimento, ainda muitas vezes próxima da referencialidade, procedendo à releitura e reescrita da história do país nas últimas décadas, a caminho do seu reconhecimento e necessária legitimação.

A sua institucionalização decorre da ação concertada de diferentes fatores, com especial relevo para a crítica, a academia e os prêmios. Para além de alguns estudos académicos mais ou menos pontuais e circunscritos, a sua maioria realizados em Portugal e no Brasil, sublinhe-se, como fator relevante, a sua entrada recente no novo currículo do Ensino Secundário Geral de Timor-Leste, nomeadamente na disciplina de Temas de Literatura e Cultura recentemente criada, para além da sua presença nos currículos universitários de países da CPLP, incluindo, necessariamente, a Universidade timorense. Esta visibilidade crescente da literatura de autoria timorense, mesmo se publicada em Portugal ou em outros países, afigura-se como um fator decisivo para a construção da identidade cultural e literária de um povo que também resistiu e combateu tendo por armas a pena e as letras.

João Paulo Esperança tem procurado promover e divulgar a literatura timorense (e a relacionada com Timor-Leste) através da publicação de textos dispersos na imprensa mais ou menos especializada, incluindo alguns sítios de referência na internet. Num dos seus textos (2005) mais conhecidos, onde traça uma breve panorâmica da produção literária timorense, procura, sobretudo, elencar autores, que organiza em torno dos modos narrativo e lírico, não cingindo o seu levantamento ao universo da escrita em língua portuguesa. Claramente informada, pelo conhecimento profundo que tem do contexto em questão, a sua reflexão destaca Fernando Sylvan como um dos autores mais representativos ao nível da produção poética, sublinhando que nem o afastamento físico precoce de Timor o separou das suas referências originais, convertendo-se em *topos* recorrente dos seus textos e constituindo um eixo ideotemático particularmente assíduo, como iremos ter oportunidade de analisar.

2. Fernando Sylvan. Homem e obra

Fernando Sylvan é o pseudónimo de Abílio Leopoldo Motta-Ferreira (Díli, 26 de Agosto de 1917 – Cascais, 25 de Dezembro de 1993), intelectual timorense com obra no domínio da poesia, da prosa e também do ensaio. Saiu ainda criança de Díli, onde nasceu, e viveu a maior parte da sua vida em Portugal, onde acabou por falecer. Timor funciona, apesar da distância física, como um eixo central da sua obra, tendo este autor dedicado atenção à recuperação de parte significativa do seu património literário e cultural tradicional, com a reescrita de lendas, por exemplo, mas também à reflexão sobre as suas tradições e folclore. O motivo da infância, associado à nostalgia com que recorda a sua vivência em Timor, ilustra muito bem a singularidade de um autor que esteve ligado, durante muito tempo, à Sociedade de Língua Portuguesa, de que foi presidente entre 1976 e 1993. A sua obra poética é consideravelmente vasta, apesar de dispersa e, no caso dos livros mais antigos, estar praticamente indisponível ou inacessível, tanto aos leitores comuns, como aos próprios investigadores.¹ Com a edição de *A Voz Fagueira de Oan Tímor* (1993, organização de Artur Marcos e Jorge Marrão, prefácio de Maria de Santa Cruz), colmata-se parcialmente essa falta de visibilidade do autor, uma vez que a coletânea recupera e reagrupa textos de volumes anteriores, permitindo uma leitura transversal da obra de Fernando Sylvan.

Os organizadores, Artur Marcos e Jorge Marrão, em paratexto final ao volume, confirmam este desejo de divulgação do autor e da sua obra, promovendo o seu justo reconhecimento:

A razão principal deste agrupamento de poesias de Fernando Sylvan, por nós denominado *A Voz Fagueira de Oan Tímor*, é tornar acessível ao público a obra poética que se sabe existir, mas que poucos desfrutaram, fosse por raridade das edições, difusão restrita, circunstâncias várias.

Fernando Sylvan é bastante conhecido e merece apreço:

- já pelo seu trajeto cívico, iniciado há longos anos, desde quando em Portugal era difícil ou perigoso expressar opiniões abertamente;
- já pelo denodo com que desenvolve uma importante atividade de animador cultural à frente da Sociedade da Língua Portuguesa, ligando pessoas de diferentes e apartados lugares, dedicadas ou curiosas pelas

coisas do idioma luso. Ademais, contribuindo com o seu jeito de atuação para preservar a Sociedade da Língua Portuguesa como um espaço cultural aberto, onde indivíduos muito diversos em ciência, estar, pensar ou ser, podem encontrar-se e tomar a palavra;

- já pela assunção clara da sua origem insular e o seu altear de voz junto ao povo resistente de Timor-Leste;
- já pelo que escreve.

Contudo, a obra de Fernando Sylvan – criador literário – é, no seu conjunto, menos lida/interpretada/usufruída/reconhecida, apesar do seu valor e recorte próprios, de alguns textos haverem sido largamente difundidos, existirem traduções em diversas línguas (inglês, francês, italiano, sueco, japonês...), grupos culturais leste-timorenses desfraldarem os seus versos de *Oan Tímor* (“filho de Timor” em tétum) na reivindicação de chão e de identidade e de liberdade.

A Voz Fagueira de Oan Tímor manifesta a viva voz de um poeta profundamente empenhado em cantar uma certa universalidade que transborda muito para além do idioma luso. (...)

Estamos convictos de que esta compilação, ora publicada, aproximará leitores dos mais diversos quadrantes de um Timor-Leste cultural ignoto. Oxalá este horizonte de expectativa se cumpra.

Creemos que no dia em que a história da cultura leste-timorense se escreva, Fernando Sylvan terá nela, certamente, um lugar de relevo (Marcos e Marção 133-34).

Será, aliás, pelo carácter abrangente e panorâmico desta edição, permitindo uma visão completa, quase diacrónica, da sua produção poética que a tomaremos como *corpus* central deste breve estudo. A escolha de Fernando Sylvan prende-se, igualmente, com o facto de este escritor funcionar, para uma nova geração de autores timorenses, como uma referência tutelar, sendo vários os que, de uma forma ou de outra, o releem, revisitam ou a ele aludem. Luís Cardoso ou “Takas”, como assina alguns dos seus textos, nome cimeiro da ficção timorense em língua portuguesa, escreve, por altura do desaparecimento do poeta, o seguinte testemunho:

Fernando Sylvan ou *O Silêncio das Palavras*

Depois

(mas só depois)

os galos

lutarão sem lâminas.

Este é o poema dedicado a Xanana Gusmão. Fernando Sylvan era um poeta para quem as palavras e só as necessárias deviam ser ditas. Pois o silêncio não é o vazio das palavras. Mas, no dia 25 de dezembro, quando todos procuravam as mais variadas palavras para saudarem o Nascimento do Menino, Fernando Sylvan calou-se. E o seu pequeno corpo curvou-se sob o peso do silêncio que, desta vez, tinha o peso de todas as palavras.

Do exílio, desde os tempos de menino e depois de décadas de ausência da ilha querida, fizeram com que ele próprio construísse com palavras ilhas que salpicavam o oceano do seu silêncio e tormento. Estudou o idioma português e usou a sua escrita como “ai-suak” para escavar até ao fundo das palavras onde procurava o que unia todas as línguas, entre as quais, a da sua infância. Finalmente, no dia de todos os nascimentos, Fernando Sylvan deixou-se cair nos braços da mãe de todas as línguas: o silêncio ou a palavra muda. (Takas 14).

3. Poética de resistência

Para além da homenagem realizada, Luís Cardoso acaba por definir, muito brevemente, algumas das singularidades da escrita de Fernando Sylvan, tanto em termos temáticos como, até, em termos formais e estruturais. O culto do silêncio e da contenção, associado à brevidade dos textos e dos géneros, resulta numa particular sensibilidade ao nível da seleção vocabular, alvo de um cuidado atento e depurado. A poética do exílio e da distância, seja ela no tempo, como a da infância, ou no espaço, a ilha mãe, revela-se igualmente um dos eixos mais estruturantes de uma poética singular, onde se encontram e cruzam influências múltiplas.

Os textos do autor de *Mensagem ao Terceiro Mundo* incluídos na coletânea *Enterrem meu coração no Ramelau* publicada, em Luanda, pela União de Escritores Angolanos (UEA), ao lado dos de José Alexandre Gusmão ou Jorge

Lauten, os mais notáveis de todo o volume, sobressaem pela qualidade com que percorre o trilho de uma poesia de resistência e de intervenção sem, no entanto, limitar as possibilidades de leitura dos seus textos ao contexto histórico-político que os enforma. Veja-se, por exemplo, o caso de “Corrigenda”, um texto originalmente publicado em *Tempo Teimoso*:

Corrigenda

Nenhum povo é grande por ter apenas fastos a contar,
Mas pelas liberdades que souber viver
E pelo amor que tiver para dar. (Sylvan 48)

O texto propõe um relato alternativo da história dos povos, em particular dos mais pequenos ou mais fracos, onde, aos grandes feitos, o sujeito poético contrapõe valores distintos, combinando liberdade e afetos. Assim “corrigida”, se fizermos fé no título do poema, a história pode ser contada numa outra perspectiva, simultaneamente mais humana e mais pessoal. Lido à luz do contexto de resistência timorense, o poema ganha, de facto, novas possibilidades interpretativas, podendo constituir um elogio à grandeza de um povo que, apesar de todas as adversidades, ama profundamente o seu país e procura lutar, de todas as formas possíveis, pela sua liberdade. A sua grandiosidade revela-se, assim, nessa capacidade única de resistir para além de todas as forças, excedendo-se a cada dia.

No caso do poema “Invasão”, incluído em *7 Poemas de Timor* (1965), a relação com o contexto timorense é mais direta, uma vez que o texto recorre ao intertexto da lenda fundadora do crocodilo², revisitando e recriando essa herança cultural num novo contexto:

Invasão

Quiseram separar meu coração da minha Ilha

Mas eu tinha uma fita verde de folha de palmeira
Na cabeça

E atravesssei a ribeira onde
Moravam meus irmãos crocodilos.
E pelo sinal da fita verde de folha de palmeira
Não me devoraram.
Lembraram-se
Que fora eu,
Príncipe,
Quem salvara há milénios
O primeiro de todos
Do fogo da areia,
E o embebera em água.

Quiseram separar meu coração da minha Ilha.

E os homens de longe buscaram-me
Desde o Cupão ao Lautém.

E viram-me por fim
Atravessando a ribeira.

E entraram nas águas quando
Estava já na outra margem.

Mas nenhum separou meu coração da minha Ilha!...

Não tinham na cabeça
Fitas verdes de folha de palmeira! (Sylvan 17-18)

A recuperação do imaginário da lenda que explica o nascimento da ilha de Timor, texto fundador quase do ponto de vista cosmogónico, da identidade cultural de um povo, esclarece bem a ligação umbilical que se estabelece entre o sujeito poético e o país, protegida ancestralmente pela ligação com o crocodilo. É este elemento que permite ao sujeito poético escapar aos perseguidores,

renovando, pelo sinal da “fita verde de folha de palmeira” a antiga aliança existente. A recusa da separação também parece apelar, de alguma forma, à ideia de resistência, repetidamente sugerida pelo refrão “Quiseram separar meu coração da minha Ilha”, depois transformado em “Mas nenhum separou meu coração da minha Ilha!...”.

Essa união profunda com a Ilha natal, uma espécie de comunhão que nenhuma distância ou tempo apagam, está presente num conjunto considerável de textos, quase todos ligados ao motivo da infância. A sua simbologia prende-se com a memória do passado, mais afetiva e simbólica do que real, conotando-a com um tempo original, edênico e perfeito. Ligada à ilha, a infância é o tempo da esperança, da felicidade e da realização. Possivelmente um dos mais conhecidos e divulgados textos de Fernando Sylvan, o poema “Infância”, ilustra bem esta relação:

Infância

as crianças brincam na praia dos seus pensamentos
e banham-se no mar dos seus longos sonhos

a praia e o mar das crianças não têm fronteiras

e por isso todas as praias são iluminadas
e todos os mares têm manchas verdes

mas muitas vezes as crianças crescem
sem voltar à praia e sem voltar ao mar (Sylvan 33)

A brincadeira e o banho na praia constituem alusões ao universo infantil, marcado pela alegria e pela ingenuidade. As crianças brincam e banham-se alheias às convenções dos adultos, desconhecendo as fronteiras ou outros limites da sua existência. O seu não regresso à praia e ao mar corresponde, exatamente, à perda – quase amputação – desse universo original, puro, luminoso e cheio de possibilidades. O crescimento e a idade adulta, no fim de contas a

própria consciência, retiram-lhes a inocência e a esperança, condicionando-lhes a liberdade.

Publicado em 1972, em edição plurilíngue, o texto *Mensagem do Terceiro Mundo* tinha sido redigido um ano antes, por ocasião da comemoração do Ano Internacional contra o Racismo. Nele, o sujeito poético toma a voz do mundo colonizado e explorado, denunciando toda as injustiças contra ele cometidas. Mas o elemento mais marcante é que, depois da primeira estrofe, onde ocorre a enumeração dos crimes cometidos, contra a natureza, as liberdades individuais, as tradições, os indivíduos, os seus deuses e rituais, os recursos naturais e a mão de obra barata, a conclusão, na segunda estrofe, é o perdão, numa superação positiva dos traumas do passado, para, juntamente com o opressor, a quem chama agora “amigo”, construir um novo mundo, imagina-se, mais justo e mais solidário. A aceitação do passado, com todas as suas dores e mágoas, é, de alguma forma, a alavanca para erguer o futuro e para ilustrar a grandeza do Terceiro Mundo. A confissão da culpa, ainda que não explicitamente realizada, parece, assim, anteceder o perdão, numa relação clara em que os dois mundos têm que enfrentar a sua história e aprender com ela. O perdão tem, face à longa enumeração de culpas, por isso, um impacto muito forte, enobrecendo a vítima que, apesar de tudo, enfrenta corajosamente o opressor e decide avançar, aceitando o passado e a história e procurando ultrapassar as diferenças existentes. O recurso a uma estrutura polissindética, reforçada pela anáfora, sublinha o teor enumerativo da primeira parte do poema, um longo elenco dos crimes e abusos perpetrados.

Mensagem do Terceiro Mundo

Não tenhas medo de confessar que me sugaste o sangue
E esgravataste chagas no meu corpo
E me tiraste o mar do peixe e o sal do mar
E a água pura e a terra boa
E levantaste a cruz contra os meus deuses
E me calaste nas palavras que eu pensava.

Não tenhas medo de confessar que te inventasse mau
Nas torturas em milhões de mim
E que me cavas só o chão que recusavas
E o fruto que te amargava
E o trabalho que não querias
E menos de metade do alfabeto.

Não tenhas medo de confessar o esforço
De silenciar os meus batuques
E de apagar as queimadas e as fogueiras
E desvendar os segredos e os mistérios
E destruir todos os meus jogos
E também os cantares dos meus avós.

Não tenhas medo, amigo, não te odeio.
Foi essa a minha vida e a tua história.
E eu sobrevivi
Para construir estradas e cidades a teu lado
E inventar fábricas e Ciência,
Que o mundo não pode ser feito só por ti. (Sylvan 25)

Os textos compilados em *Tempo Teimoso* (1974), todos datados de 1972, tiveram circulação dispersa e funcionaram, muitas vezes, como forma de apelo à resistência. O paratexto autógrafo que abre a publicação explica a sua génese e o seu significado, ligando-os a um contexto particularmente sensível, o da ditadura. O colonialismo, enquanto modelo económico profundamente injusto, está presente em outros textos da mesma coletânea que denunciam os ultrajes cometidos contra os povos colonizados.

dia do trabalho maio de 72

ECONOMIA ANTIGA

Cacau
Chá
Café
Açúcar

Algodão
Borracha
Tabaco

Ouro do colonizador

Sepulturas de escravos sem uma flor. (Sylvan 45)

De forma lapidar, em resultado da construção enumerativa de substantivos nas duas primeiras estrofes, o texto opõe duas interpretações distintas, resultantes de dois pontos de vista diferentes face a uma mesma realidade, aparentemente objetiva. Assim, a enumeração das matérias-primas dá origem, simultaneamente, à riqueza e à morte, consoante sejam perspectivadas do ponto de vista do colonizador ou do escravo colonizado. Desta forma, altera-se a relação do leitor com os produtos referidos, que passam a ser entendidos enquanto resultado da exploração de homens e do seu sofrimento. A ideia principal, já clara no poema anteriormente analisado, é a de que um mundo se “alimenta” do outro, o desenvolvido do em desenvolvimento, crescendo e enriquecendo à sua custa. A denúncia, aspeto central deste poema, é também um alerta, despertando a consciência e propondo um olhar alternativo sobre a realidade e a ordem habitual do mundo e das coisas.

Em outros poemas, mais do que resistência ou denúncia, é o apelo direto e inequívoco à luta e à ação que marca a poética do escritor. Veja-se o seguinte exemplo, onde, em apenas quatro versos, o sujeito poético dá conta de que, apesar de espoliado de elementos essenciais, quase intrínsecos à própria existência, não desiste. O título do poema, também incluído na coletânea *Enterrem meu coração no Ramelau* (1982), funciona como chave de leitura, apelando, apesar de todas as dificuldades e de todas as amputações sofridas, à resistência e ao combate:

Luta

Pássaro sem espaço

Rio sem leito

Árvore sem floresta

Mas dou sinais de mim! (Sylvan 39)

Construída com base em três metáforas sucessivas, a imagem do resistente é estabelecida por aproximação aos elementos naturais, pássaro, rio e árvore, despojados do seu ambiente natural, respetivamente espaço, leito e floresta. Perante este estado de coisas, claramente disfórico, o verso final, correspondendo também a uma estrofe, funciona como uma espécie de contraexpectativa, sublinhada pela conjunção adversativa “mas”, na medida em que preconiza a continuidade da resistência, mesmo frente às maiores e mais difíceis adversidades. O único sinal de pontuação presente no poema, a exclamação final, é indicadora desta sugestão de encorajamento e, até, de esperança.

4. Poética de redenção. A lírica amorosa

Numa breve leitura da poesia timorense, estudo publicado em 2000 na Revista *Lattitudes*, Catherine Dumas também singulariza a produção de Fernando Sylvan no âmbito do contexto timorense, a par de autores como Xanana Gusmão ou do próprio Ruy Cinatti.³ Situando a génese da sua obra no contexto de uma poética de resistência, dá conta da versatilidade e evolução do escritor, sem esquecer, por exemplo, os textos de temática amorosa que marcam, igualmente, parte relevante da sua produção. Neste domínio específico, destaca-se a publicação, em 1982, de *MULHER ou o livro do teu nome*, cujos textos oscilam entre a exaltação da mulher, em particular do seu corpo, faceta inseparável da sua identidade, e da realização amorosa, tanto em termos físicos como emocionais, e o lamento pela sua partida ou pelo fim da relação. Dominados por uma poética da brevidade e da contenção, espelham, muitas vezes, o deslumbre perante a presença da mulher amada que, enquanto motivo amoroso, é celebrada fisicamente, pela sua beleza, mas também pelo conforto e companheirismo. Todos

numerados, sem indicação de títulos individualizantes, parecem construir um roteiro da experiência amorosa, registrando, como uma espécie de diário poético, a sua evolução ao longo do tempo, desde a sedução e da entrega ao abandono e à separação final.

Analisemos, com mais detalhe, alguns textos:

98

Não sei qual a rota do navio.

Sei que partiu.

Sozinho à chuva ao vento ao sol ao frio

fico no cais.

Não acredito que não voltes mais. (Sylvan 121)

Este poema exprime, de forma exemplar, a dor da partida da mulher amada, mas também uma certa incredulidade face a essa realidade. O último verso, que é também uma estrofe, em jeito de conclusão, é, a todos os títulos, ilustrativo dessa necessidade de manter a esperança e rejeitar a possibilidade de um fim definitivo e radical. A dor do sujeito poético é, igualmente, potenciada pelo desconhecimento do destino da mulher amada, abandonando-o e deixando-o só e entregue a si mesmo, no cais. Este é, aliás, simbólico da própria sugestão da espera. Local de chegadas e partidas, significa tanto o início como o fim da viagem, mas é sempre um local conotado com a espera, a solidão e uma certa impotência, face à distância e à separação que a viagem impõe. A duração da espera – ou da incerteza – e, conseqüentemente, da solidão do sujeito poético fica claramente expressa na enumeração que domina o verso “sozinho à chuva ao vento ao sol ao frio”, sugerindo a mudança das estações e a passagem do tempo. Vejamos um outro texto pertencente ao mesmo ciclo temático:

Moras no meu corpo.

Ainda que dê outra morada. (Sylvan 123)

No seguimento da sugestão de partida do poema analisado anteriormente, este mantém a mesma imagem da separação e da distância entre os amantes, mas adiciona um elemento novo, aparentemente ligado à pacificação do sujeito poético perante a irreversibilidade dos factos. O afastamento da mulher não atenua o afeto nem o relevo que ela continua a ocupar na sua vida, fazendo parte intrínseca do seu corpo. Deste modo, a distância física é, ou pode ser, colmatada pela continuidade da sua presença. Ao tratar-se do texto que encerra o volume *MULHER ou o livro do teu nome* (1982), o seu significado torna-se ainda mais definitivo, uma espécie de derradeira (e perene) mensagem de amor, sobretudo porque parece sugerir a sua sublimação. O título do volume também esclarece sobre esta centralidade do universo feminino, tornando chave de leitura dos textos, todos eles percorridos por este *topos*.

Em contrapartida, dos textos iniciais do volume desprende-se um conjunto de sensações de cariz mais eufórico, claramente conotadas com o enamoramento e a felicidade amorosa que o sujeito poético canta de forma exaltada, mesmo se contida:

18

Aquela maçã
 tinha a cor
 exata
 da tua pele.

Nunca um fruto me soube tanto. (Sylvan 84)

Os teus lábios
têm sempre um sabor novo
como o das cerejas imaginadas. (Sylvan 98)

Os motivos naturais, em particular os frutos, surgem ao serviço da evocação de um conjunto de sensações que parecem ser determinantes para exprimir os sentimentos e as emoções em relação à mulher amada. Elementos de um mesmo ciclo poético, até pela relativa proximidade em que se encontram na coletânea, na primeira parte, mais solar e positiva, sublinham uma dimensão sensorial que é fruto da realização amorosa, assim como do deslumbramento perante todas as possibilidades do prazer físico. O erotismo está presente num número considerável de textos, quase todos breves. O elogio do corpo feminino, entendido quase como templo, é muitas vezes realizado em sintonia com o universo natural, uma espécie de paisagem humana onde o sujeito poético demora o olhar e do qual se apropria através de todos os sentidos, às vezes em relação sinestésica. A realização amorosa, mesmo em termos físicos, corresponde sempre a uma espécie de sintonia de almas, onde desejo e afeto se misturam e confundem:

63
Teu corpo é a maçã
que eu mastigo com os lábios
e respiro. (Sylvan 104)

O poema que se segue constrói-se com base na descrição clara de duas situações diferentes, quase opostas entre si, como o uso da conjunção adversativa “mas” exprime eloquentemente. A justificação para a transformação ocorrida é, contudo, adiada para a última estrofe, composta por apenas um verso e uma só palavra “chegavas”. O leitor terá que aguardar até ao final do poema para perceber o motivo que dá origem à evolução descrita. De uma situação inicial marcada pela inação e pelo calor sufocante, inibindo qualquer movimento,

passa-se para uma outra, mais aprazível, onde basta uma brisa para sossegar o calor e permitir o voo das aves. Mais uma vez, é a metáfora do espaço natural e das suas variações que melhor esclarece a centralidade e o relevo da figura feminina, elemento crucial no restabelecimento de uma certa harmonia perdida e novamente reencontrada:

39

A paisagem estava quieta
o calor sufocava
as aves abrigavam-se nas copas.

Mas uma brisa sacudiu
e o calor sossegou
e as aves voltaram ao espaço.

Chegavas. (Sylvan 94)

5. Conclusões

Em termos globais, os textos de Fernando Sylvan distinguem-se pela sobriedade do registo adotado, quase sempre muito contido, tanto ao nível vocabular como estilístico. Mesmo os textos mais longos, de cariz quase narrativo, pautam-se pela simplicidade e pela clareza, quase sempre resultante de uma cuidada combinação de palavras. Num número considerável de poemas é visível uma construção, em crescendo ou em contraexpectativa, onde o último verso, às vezes coincidindo com uma estrofe, é o elemento-chave para aceder ao significado profundo do texto. A preferência por formas breves, às vezes próximas do *haiku*, sublinha o culto de um certo comedimento e contenção que a estrutura sintática, também sóbria, sublinha. A ausência de títulos, a proximidade dos elementos naturais e paisagísticos, a revelação súbita e fugaz da apropriação íntima de uma sensação, a intensidade associada à sugestão fragmentária de textos muito breves são algumas das características que recupera daquele

gênero oriental. A contemplação estóica da realidade, o despojamento estilístico e a valorização de uma certa dimensão sensorial que percorrem os textos poéticos do autor timorense colaboram nessa aproximação ao *haiku*, ainda que abdique, quase sempre, da formulação métrica e estrófica daquele gênero. Curiosamente, estes elementos servem temáticas distintas, surgindo quer no âmbito da literatura de resistência e de intervenção, como na poesia de cariz amoroso. A primeira aproveita a força e a energia das frases breves, quase apostróficas, invetivando à luta. A segunda recupera uma certa placidez associada à contemplação do objeto de desejo, quase sempre em harmonia com a Natureza ou a sensação fulminante da aparição súbita de uma imagem ou do estado de consciência inesperado, dando conta do sobressalto interior do sujeito poético.

Autor marcante da literatura em língua portuguesa, Fernando Sylvan constitui uma referência incontornável da poesia timorense, abrindo caminho a um conjunto de autores que, nos últimos anos, se começam a afirmar, merecendo, também, uma maior atenção da crítica e do público.

Notas

¹ Livros de poesia: *Vendaval* (Porto, 1942); *Oração* (Porto, 1942); *Os Poemas de Fernando Sylvan* (Porto, 1945); *7 Poemas de Timor* (1ª edição, Lisboa, 1965) (2ª edição, Lisboa, 1975); *Mensagem do Terceiro Mundo* (poema e traduções de Barry Lane Bianchi, Serge Farkas, Inácia Fiorillo e Marie-Louise Forsberg-Barrett para inglês, francês, italiano e sueco) (Lisboa, 1972); *Tempo Teimoso* (1ª edição, Lisboa, 1974) (2ª edição, Lisboa, 1978); *Meninas e Meninos* (Lisboa, 1979); *Cantogrito Maubere – 7 Novos Poemas de Timor-Leste* (carta-prefácio de Maria Lamas, nota de Tina Sequeira) (Lisboa, 1981); *Mulher ou o Livro do teu Nome* (Lisboa, 1982). Presença em coletâneas de poesia: *Enterrem Meu Coração no Ramelau* (Luanda, União dos Escritores Angolanos, 1982); *Primeiro Livro de Poesia – Poemas em língua portuguesa para a infância e adolescência* (Lisboa, Caminho, 1991); *Floriram Cravos Vermelhos – Antologia poética de expressão portuguesa em África e Ásia* (A Corunha, Espiral Maior, 1993). Livros em prosa: *O Ti Fateixa* (Parede, 1951); *Comunidade Pluri-Racial* (Lisboa, 1962); *Filosofia e Política no Destino de Portugal* (Lisboa, 1963). *A Universidade no Ultramar Português* (Lisboa, 1963); *O Racismo da Europa e a Paz no Mundo* (Lisboa, 1964); *Perspectiva de Nação Portuguesa* (Lisboa, 1965). *A Língua Portuguesa no Futuro da África* (Braga, 1966); *Comunismo e Conceito de Nação em África* (Lisboa, 1969); *Recordações de Infâncias* (Lisboa, 1980); *O Ciclo da Água* (Lisboa, 1987); *Cantolenda Maubere/ Hananuknanoik Maubere / The Legends of the Mauberes* (Lisboa, 1988), entre outras publicações dispersas em várias separatas e partes e/ou capítulos de livro. Teatro: *Duas Leis*, peça em 3 atos, escrita em 1949 e representada em 1957; *Culpados*, peça em 2 atos, escrita em 1957.

² Lenda de cariz cosmogónico, explica o nascimento da ilha de Timor como resultado da metamorfose de um crocodilo no território atual, passando o animal a funcionar, além de totem, como um antepassado comum dos atuais habitantes, sendo, ainda hoje, chamado de avô. A forma da ilha favorece esta interpretação. Fernando Sylvan é ainda autor de uma versão desta lenda, publicada no volume trilingue *Cantolenda Maubere – Hananuknanoik Moubere – The Legends of the Mouberes*.

³ “Fernando Sylvain réside depuis longtemps au Portugal. Il a commencé à publier sa poésie aux côtés des poètes de la résistance timoraise. Puis il a combattu pour la démocratie au Portugal même. Son long poème *Mensagem do Terceiro Mundo* célèbre en 1972 l’Année internationale contre le racisme. *Tempo Teimoso*, écrit en 1972 et publié en 1974, réunit des poèmes clandestins en hommage à la résistance. *Tempo Teimoso* fut écrit pendant toute une année dans la chambre d’une maison démantelée; je ne sais pas bien si elle avait des murs ou pas, un sol ou pas, un toit ou pas. Mais je sais qu’à l’intérieur de cette chambre, on sentait un énorme manque d’air, un froid intense et l’angoisse de l’homme qui se projetait dans son inachèvement”. “La maison était le Portugal et la chambre l’espace insuffisant où tout est confiné dans l’isolement”. Puis F. Sylvain publie un livre de lyrique amoureuse, en 1982, *MULHER ou o livro do teu nome*. Le livre *A Voz Fagueira de Oan Tímor* recueille tous ses poèmes en 1993. La volonté d’inscrire sa poésie et l’identité de son pays dans la communauté humaine traverse toute son œuvre.” (Dumas 23-24).

Obras citadas

- Dumas, Catherine. “Bref aperçu de la poésie timoraise.” *Latitudes* 8 (Mai 2000) : 21-24.
- Esperança, João Paulo T. «Um brevíssimo olhar sobre a Literatura de Timor.» *Mealibra – Revista de Cultura* 3.16 (2005): 131-134.
- Marcos, Artur e Jorge Marrão. “Nota dos organizadores.” *A Voz Fagueira de Oan Tímor*. Por Fernando Sylvan. Lisboa : Edições Colibri, 1993. 133-134.
- Sylvan, Fernando. *A Voz Fagueira de Oan Tímor*. Lisboa : Edições Colibri, 1993.
- Takas, Luís. “Fernando Sylvan ou o Silêncio das Palavras”, *Kaibauk – Boletim de Informação Timorense* 1.7 (Jan-Fev 1994): 14.
- União dos Escritores Angolanos. *Enterrem meu coração no Ramelau – Poesia de Timor-Leste*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1982.

Ana Margarida Ramos é doutorada em Literatura e professora auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. Integrou o projeto de Reestruturação do Ensino Secundário em Timor-Leste, no âmbito do qual coordenou a equipa responsável pela disciplina de Temas de Literatura e Cultura, cujos materiais pedagógicos também realizou em coautoria. Publicou vários livros, dos quais se destacam *Os monstros na literatura de cordel portuguesa do século XVIII* (2009), *Literatura para a Infância e Ilustração: leitura em diálogo* (2010) e *Tendências contemporâneas da literatura portuguesa para a infância* (2012).